

Filosofia e Crianças - um encontro que dá certo!

Marleide Breitenbach

Professora da Escola Estadual de Ensino Fundamental Edison Quintana - Ibirubá

Roseli Budke Gonçalves

Professora da Escola Estadual de Ensino Fundamental Edison Quintana - Ibirubá

“Conforme a filosofia vai abrindo possibilidades alternativas para que os indivíduos vivam qualitativamente melhor – vidas mais ricas e mais significativas – ela vai adquirindo mais espaço no currículo.”

Matthew Lipman

Educadores e pais perguntam-se, constantemente, sobre a realidade que se apresenta, principalmente em relação ao futuro e aos problemas que afligem e que preocupam no contexto social. São o desemprego, a globalização, a violência, as drogas, a mortalidade infantil, falta de amor à vida e ao próximo e muitos outros. Parte da população mundial não está conseguindo conviver e atuar numa realidade tão cheia de desafios; conseqüentemente, está se deixando levar por falsas ilusões ou ideologias, que tentam disfarçar ou encobrir o caos em que tudo se encontra. Como as pessoas não conseguem encontrar saídas, grupos organizados induzem a população a encontrar a solução para os problemas nas drogas, nas seitas religiosas, na violência, no poder e em outras maneiras que contribuem para destruir, ainda mais os seres humanos entre si.

Diante dessa situação social, surgem diversos questionamentos: *A escola está reforçando e auxiliando na permanência dos problemas sociais?* O que os educadores estão fazendo para o preparo das crianças e jovens para enfrentarem a realidade que se apresenta? Parece que tudo o que a escola fez até hoje precisa ser repensado, atualizado, pois muitas mudanças ocorreram e as exigências são outras. As crianças e os jovens têm com outros ideais, outras perspectivas, que precisam ser levados em conta. Esta reflexão dentro das escolas é o mínimo necessário para que se comece a pensar em alguma mudança ou revolução na educação.

Observar jovens e adultos sem qualquer ação de discernimento, de bom senso, de iniciativa, de defesa à vida é perceber o fracasso e a descrença das potencialidades de um ser humano, ou, talvez, na falta de capacidade para enfrentar situações de dificuldades que exigem habilidades que nunca desenvolveu. Aí, mais uma vez, surge a pergunta: *Qual foi a instituição social que*

falhou: a família, a escola ou o próprio modelo social?

Chegar a tais questionamentos e à conclusão de que houve falhas em todas as instâncias sociais é firmar o compromisso de que são necessárias mudanças urgentes na família, na escola, na sociedade, enfim, torna-se imprescindível parar, pensar, refletir e tentar encontrar algumas saídas. Talvez não seja a solução, mas que seja o ponto de partida para um desenvolvimento diferenciado das habilidades dos educandos, tentando reverter algumas situações para que a espécie humana continue sobrevivendo e tendo espaço neste mundo.

Dessa forma, educadores comprometidos com a educação e preocupados em aperfeiçoar conhecimentos para encontrar saídas e algumas respostas para os questionamentos citados vão em busca dos saberes filosóficos e de uma metodologia rigorosa, baseada na reflexão, no pensar, no investigar, como uma forma de abrir espaço para o desenvolvimento das habilidades e competências de pensamento.

Considerando tal situação e conflito, a comunidade escolar da Escola Estadual de Ensino Fundamental Edison Quintana buscou a inclusão da Educação para o Pensar em seu projeto político pedagógico no ano de 1998. A proposta de Matthew Lipman, inspiradas nas ideias do educador John Dewey(1859/1952), tem como princípio fundamental que é necessário desenvolver a arte de pensar para que indivíduos possam se desenvolver intelectualmente de forma autônoma, não apenas receber o conhecimento e os conteúdos prontos.

O Projeto Educação para o Pensar contemplou alunos da educação infantil, das séries iniciais e finais do ensino fundamental, bem como proporcionou uma rigorosa reflexão sobre a metodologia e os conhecimentos de todos os educadores da escola. Para isso, levou a uma busca séria e comprometida por materiais, estudos, metodologia e suporte teórico para o desenvolvimento dessa nova maneira de educar. Com certeza, antes de optar pela implantação de uma metodologia voltada à filosofia, a escola se envolveu num processo de esclarecimento, compreensão, aprofundamento e para que pudesse ser contemplado no projeto político pedagógico da escola como um fio condutor de todo o processo de ensino e aprendizagem.

Adotar uma metodologia que se destine a cultivar e aprimorar o que o ser humano tem de mais precioso e rico, o pensar, é ter a certeza de que é necessária uma busca constante e insistente pelo saber e pela reflexão. É, muitas vezes, caminhar contra uma série de certezas já definidas e defendidas em todo o contexto social. Mas é, também, a certeza de que se está pretendendo encarar a vida com mais sentido e significado. O ser humano pensa tão naturalmente quanto pratica o ato de respirar, mas é necessário ensiná-lo a pensar melhor, utilizando estratégias complexas, reflexão, raciocínio lógico e a investigação.

Dessa forma, iniciou-se um processo com todos os envolvidos na escola, na busca de informações sobre os princípios norteadores do Projeto de Educação para o Pensar. Por meio do Núcleo de Educação para o Pensar de Passo Fundo(NUEP), os

educadores participaram de muitos encontros e estudos visando conhecer e elaborar os objetivos que deram o ponto de partida para a concretização da teoria na prática diária em sala de aula.

Objetivos do projeto educação para o pensar:

1. Instigar o ser humano ativo e consciente a pensar melhor, fazendo-o refletir a fim de conseguir aumentar a sua capacidade cognitiva.
2. Oportunizar o questionamento e a investigação através de temáticas específicas, de novelas filosóficas e de textos literários.
3. Propiciar as diferentes formas de leitura, interpretando e expressando suas ideias oralmente e por escrito.
4. Incentivar o exercício da conceituação, vinculando os conceitos a seus diferentes significados, enquanto também desenvolvem a habilidade no uso do idioma através da comunicação com seus colegas.
5. Ressignificar a leitura, valorizando o pensar mais profundo, a mudança na expressão oral e escrita, assumindo e defendendo argumentativamente seus pontos de vista.
6. Contextualizar conhecimentos filosóficos, tanto no plano de sua origem específica quanto em outros planos: o pessoal, o biográfico, o entorno sociopolítico, histórico e cultural, o horizonte da sociedade científica tecnológica.
7. Articular conhecimentos filosóficos, diferentes conteúdos e modos discursivos nas ciências naturais e humanas, nas artes e em outras produções culturais.

A transformação da sala de aula em uma comunidade de investigação filosófica representa uma mudança na educação, com implicações de longo alcance e que exige do educador muito preparo, conhecimento e uma bagagem pedagógica de técnicas de diálogo e pesquisa constantes. Por isso, o projeto foi e ainda hoje é um eterno desafio. Na escola, todo educador necessita abraçar a causa e se dedicar, pois, caso o contrário, os próprios educandos passam a exigir uma mudança em sua postura e didática. Tudo isso, continua sendo ainda hoje um desafio, mas com a certeza de que se está num caminho que começa a mostrar indícios de bons resultados.

Algumas práticas são adotadas em todas as aulas e em todos os componentes curriculares, como: uma atividade prévia a todo o texto desenvolvido em aula, a apresentação do conteúdo ou texto, a problematização do texto a discussão filosófica e as atividades posteriores a essa discussão. Para que esse projeto atenda às propostas teóricas ideais e seja bem-sucedido é importante criar possibilidades de encontros entre as crianças e temas que gerem problematizações; para isso lança-se mão de estratégias variadas, que tornem os encontros agradáveis, lúdicos e despertem a vontade de buscar, de saber mais sobre determinado assunto. Essas atividades devem estar de acordo com a faixa etária do público, bem como ser um terreno fértil para estimular a imaginação, a curiosidade e admiração das crianças e jovens. Assim, o aprendente estará pronto para mergulhar em um texto que contemple os assuntos que serão

problematizados e pensados.

Nessa etapa entra a concepção da filosofia de buscar a verdade e significado, ou seja, o texto, que poderá ser apresentado de diferentes formas, terá de levar crianças e jovens a algum contato com temas que tenham sentido para eles, bem como transmitir-lhes algum conhecimento e incentivar o amor ao saber e ao entendimento. Aqui, cabe salientar a importância de analisar e compreender a linguagem do texto, procurar significados, fazer analogias, dar exemplos, para que se consiga transcender as fronteiras do empírico e do conceitual, e criar uma atmosfera intelectual entre um grupo determinado. Desse modo, os participantes do grupo deverão ser capazes de ter uma compreensão sobre temas de relevância ou filosóficos, além de entender que não existem respostas prontas e totalmente verdadeiras, mas que devem ser construídas por meio de trocas que se ocorrem dentro de um grupo, ou de investigações.

O texto precisa ser atraente e adequado à idade do público-alvo. Por isso, geralmente é apresentado como uma história que cobre diferentes temas relacionados a determinadas áreas da filosofia (metafísica, lógica, estética, ética, etc.). Esse texto não serve somente como fonte de questões filosóficas e de discussões subsequentes, mas também para de construir diferentes modelos de discussão, raciocínio e pensamento.

Dessa maneira, de posse de um certo referencial teórico, o indivíduo terá possibilidade de problematizar ou questionar aquilo que causou estranhamento, suscitou curiosidade ou despertou sua necessidade, pois o problema deve ser encarado como algo desconhecido que se tenha a necessidade de vir a conhecer. Pensar, por exemplo, num assunto como o aborto requereria uma reflexão e uma análise global de conceitos do tipo “o direito à vida”, “o direito da escolha”, “a ética”, etc., ou seja, ver o problema segundo um olhar filosófico. Em toda e qualquer época existem problemas peculiares, que merecem atenção em maior profundidade; por isso, são temas que devem receber atenção. Entendendo-se, portanto, que aproximar a filosofia das crianças e jovens é estar atento ao contexto social e aos diferentes problemas que a humanidade sofre para que sejam abordados, discutidos e investigados. Essa investigação recebe uma expressão especial, nomeada como “comunidade de investigação”, que se caracteriza pelo interesse em debater problemas filosóficos com base em uma discussão coletiva.

Essa prática tem como base regras e procedimentos lógicos. Para as crianças esse é um procedimento natural, uma vez, que ela própria tem inclinação a perguntar, ser curiosa e discutir; assim, não basta apenas estimular as crianças precisam de um grupo para aprender a manifestar seu pensamento, ter respeito e considerar a importância dos outros pontos de vista. É justamente isso que dá possibilidades de a criança ou o jovem desenvolverem seu pensamento, aguçá-lo, corrigi-lo e apropriar-se de outras formas de pensar. A filosofia não tem verdades e respostas prontas. Na comunidade de investigação procura-se encontrar alguma ideia significativa e, o mesmo, inventar outras perguntas, até que se ultrapasse a barreira do senso comum, ou da aparência, e se busque algo mais consistente e essencial.

Aquele que entra em contato com uma metodologia voltada à filosofia, precisa fazer a distinção entre o senso comum, o empirismo, e o conceito, desenvolvendo a habilidade de estabelecer os limites de um conhecimento e outro. A comunidade de investigação torna possível essa habilidade ao utilizar um certo rigor no aprofundamento de determinado problema, tomando sempre o cuidado de não ficar na superficialidade de temas ou em “achismos”. Deve ser priorizada uma reflexão intelectual, cujo objeto é muitas vezes, o alicerce conceitual sobre o qual repousa um problema ou questionamento. Além das habilidades já mencionadas, todos os envolvidos nessa aproximação entre a filosofia, as crianças e jovens precisam ser capazes de manter a coerência entre tudo que se pratica na comunidade de investigação e na vida diária, fazendo desta metodologia não apenas algo que ajuda pensar e ter um melhor desempenho na escola, mas, também, um hábito constante e presente nas atitudes mais corriqueiras do dia a dia de cada um.

Estimular a desvelar o que ultrapassa as barreiras do senso comum é dar ao aluno a oportunidade de realizar questionamentos e problematizar sobre tudo que o rodeia, inclusive de coisas que muitas vezes podem parecer banais. Ter uma atitude filosófica é ter condições de formular indagações, problematizando sobre o mundo, a existência e a própria capacidade de pensar, o que conduzirá as crianças e jovens à reflexão. O ato de problematizar terá um sentido reflexivo se partir de uma necessidade humana de buscar respostas com profundidade, rompendo a superficialidade e despertando no indivíduo angústia, drama, ao mexer com seu subjetivo. Problematizar faz parte de um processo que nunca se esgota e que provoca sempre mais questões, as quais precisam ser debatidas, dialogadas e reelaboradas.

O ser humano é criativo e está sempre em busca da realização de seus projetos; por isso, é capaz de recriar conceitos e ideias, reelaborando tudo aquilo que o rodeia e, assim, melhorando a sua existência. No momento em que crianças e jovens estiverem de posse das várias habilidades que a problematização, a discussão filosófica e a troca de pontos de vista lhe proporcionam, também serão capazes de expressar verbalmente ou de registrar suas conclusões e aprendizagens, ou seja, os educandos devem ter a possibilidade de sistematizar seus conhecimentos como forma de aperfeiçoar as habilidades de memória, análise e síntese, bem como ter condições de construir ou ressignificar seus próprios pontos de vista ou atitudes.

Observar, desvelar, sentir necessidade de conhecer, problematizar, aprofundar, dialogar, discutir, buscar respostas, reformular conceitos e atitudes e construir seus juízos, tudo isso implica uma mudança na atitude de viver e perceber tudo que se passa ao seu redor de maneira diferente; é dar um outro sentido e dimensão ao ser humano, valorizando-o como um ser capaz e de eterna busca da verdade e do sentido da vida. Cabe à escola resgatar essa dimensão de homem e transmitir a todos que por ela passarem a importância e a necessidade de pensar e refletir mais profundamente sobre as problemáticas da existência, motivando, desafiando, criando situações favoráveis de concentração e organização do saber.

Uma metodologia que proporcione tantos processos mentais e priorize o pensar como algo desvelador do ser, que possibilite perceber o que as aparências ocultam e, ao mesmo tempo, desacomodar o ser humano, tornando-o seguro e consciente do seu papel de construtor e reelaborador de sentidos e significados, merece uma atenção especial e um conhecimento profundo e minucioso das suas particularidades para que seja bem desenvolvida e utilizada.

Todos os componentes curriculares estão voltados para um olhar especial para o Projeto de Educação para o Pensar; assim, garante-se um desenvolvimento integral de cada aluno. Dessa forma, a escola se compromete com um aperfeiçoamento real das habilidades de pensamento, formando crianças e jovens mais seguros, capazes de intervir no caos que se vive hoje de forma ativa, positiva e consciente. Observar pequeninos da educação infantil até alunos da oitava série ou nono ano do ensino fundamental, discutindo, investigando e filosofando sobre os mais diversos assuntos, garante a certeza de que os problemas sociais têm solução, a qual reside na EDUCAÇÃO PARA O PENSAR e no comprometimento de todos com o ato de educar, pois se compartilha, na escola da ideia apresentada pela letra da música cantada pelos alunos da escola diariamente: “Quero acreditar que o mundo pode ser diferente e que o pensar faça parte da gente...”

Referências

FÁVERO, Altair. *Quero sonhar*. CD Filosofia pela música.

LIPMAN, Mathew. *A filosofia vai à escola*. 2. ed. São Paulo: Summus, 1990.

LIPMAN, Mathew; SHARP, Ann Margareth; OSCANYAN, Frederic. *A filosofia na sala de aula*. 2. ed. Petrópolis: Nova Alexandria, 1997.